

A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

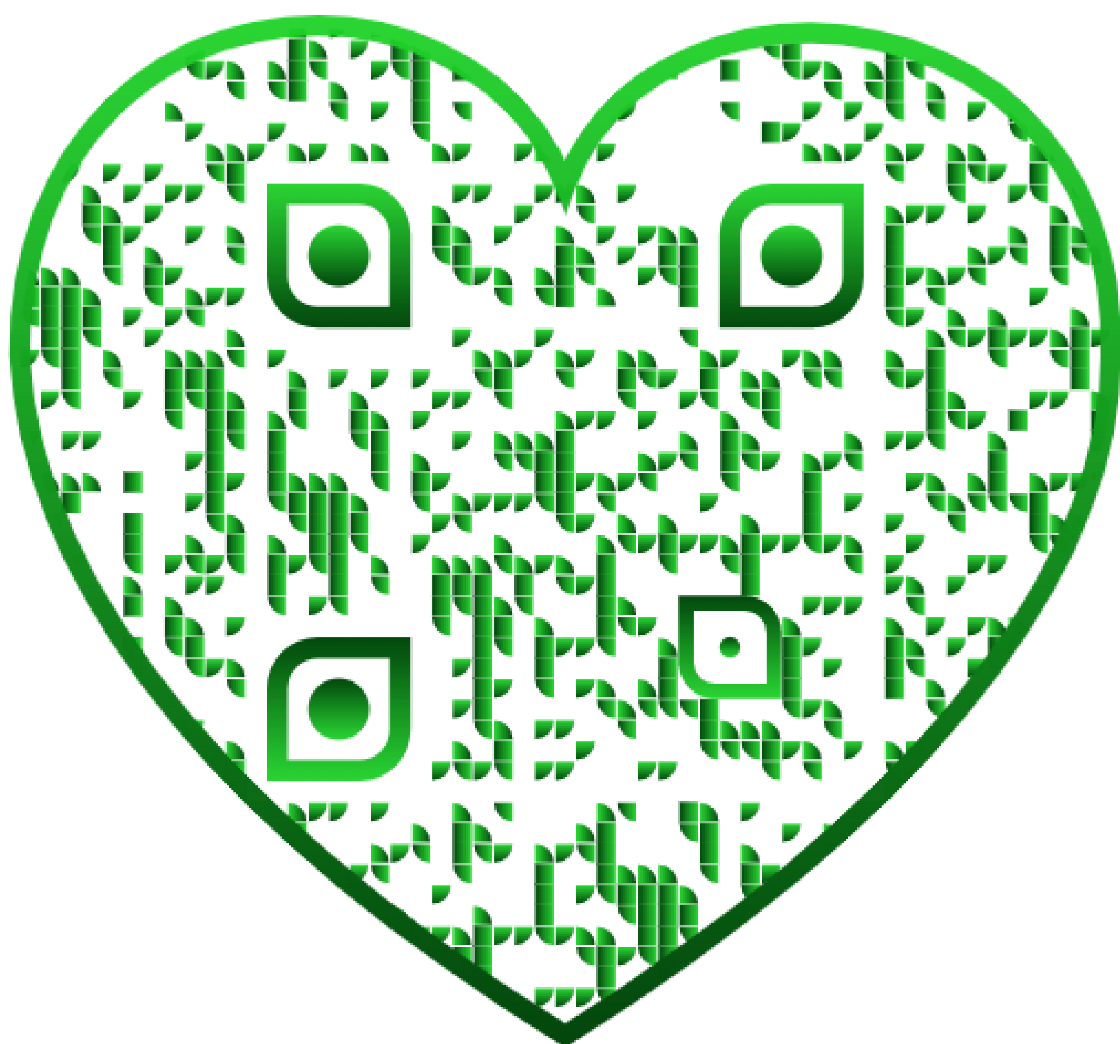
AS CRÔNICAS DE

Bane

vol. 2

A rainha fugitiva

CASSANDRA CLARE
e
MAUREEN JOHNSON



Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la, ou aos que pretendem verificar sua qualidade antes de faze-lo.
Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e deseja e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com



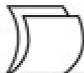
Cassandra Clare
e
Sarah Rees Brennan

A rainha fugitiva

As Crônicas de Bane

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição



GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra
C541c As crônicas de Bane [recurso eletrônico]: a rainha fugitiva / Cassandra Clare, Maureen Johnson; tradução Rita Sussekind. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (As crônicas de Bane; 2)

Tradução de: The runaway queen
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501404787 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Johnson, Maureen. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

13-02656 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Paris

Junho de 1791

Nas manhãs de verão, Paris tinha um cheiro do qual Magnus gostava, o que era surpreendente, pois as manhãs de verão em Paris tinham o cheiro do queijo que passara o dia exposto ao sol, de peixes e de suas partes menos desejáveis. Tinha o cheiro das pessoas e de tudo o que elas produzem (e isso não diz respeito à arte nem à cultura, mas às coisas menos nobres, que eram despejadas dos baldes através das janelas). Mas esses cheiros eram pontuados por outros odores que variavam rapidamente de rua para rua, de prédio para prédio. À lufada inebriante de uma padaria, seguia-se um sopro inesperado de gardênias em um jardim, que dava lugar ao mau cheiro rico em ferro de um abatedouro. Paris era uma cidade viva — com o Sena bombeando como uma grande artéria os vasos das ruas mais amplas e se estreitando até minúsculos becos... e cada centímetro tinha um odor.

Tudo tinha cheiro de *vida* — vida em todas as formas e graus.

Os perfumes de hoje, no entanto, estavam um pouco fortes. Magnus percorria um trajeto desconhecido, que o conduziu a uma região acidentada de Paris. A estrada aqui não era tão lisa. E estava absurdamente quente no cabriolé que chacoalhava pelo caminho. Magnus animara um de seus magníficos leques chineses, que o abanava sem sucesso, mal movendo a brisa. Se ele fosse totalmente sincero consigo mesmo (e não queria ser), estava um pouco quente demais para o novo casaco listrado de azul e cor-de-rosa, de cetim e tafetá, e o colete de seda bordado com imagens de pássaros e querubins. O colarinho, a peruca, os calções de seda até o joelho, as maravilhosas luvas novas naquele delicado tom de amarelo-limão... tudo estava um pouco *quente*.

Mas isso não importava. Quem podia se apresentar de modo tão fabuloso, tinha a obrigação de fazê-lo. A pessoa deveria vestir *tudo* ou não vestir nada.

Ele se ajeitou no assento e aceitou o suor com orgulho, satisfeito por viver de acordo com seus princípios, que eram totalmente bem-vindos em Paris. Aqui as pessoas sempre buscavam a última moda. Perucas que batiam no teto e tinham barcos em miniatura; sedas incríveis; pintura branca e bochechas coradas nos rostos de homens e mulheres; pintas decorativas; os cortes e as cores das roupas... Em Paris, a pessoa poderia ter olhos de gato (como ele tinha) e dizer que se tratava de um artifício da moda.

Em um mundo como este, havia muito trabalho para um feiticeiro empreendedor. A aristocracia adorava números de mágica e se dispunha a pagar por isso. Pagavam para ter sorte nas mesas de jogos. Pagavam para ouvir os próprios macacos falarem, os pássaros cantarem suas árias de ópera preferidas, seus diamantes brilharem em cores diferentes. Queriam pintas em forma de coração, taças de champanhe e estrelas que aparecessem espontaneamente em suas bochechas. Queriam impressionar os convidados fazendo fogo ser cuspido de seus chafarizes e, em seguida, entretê-los fazendo os divãs se deslocarem pelo recinto. E as listas de pedidos para o quarto — bem, para essas, ele mantinha anotações especiais. Eles eram muito imaginativos.

Resumindo, os parisienses e os vizinhos do vilarejo real de Versalhes eram as pessoas mais decadentes que Magnus conhecia, e, por isso, ele os reverenciava profundamente.

Claro, a Revolução tinha retirado um pouco do brilho das coisas. Magnus lembrava-se disso diariamente — mesmo agora, ao abrir as cortinas de seda azul da carruagem. Atraiu alguns olhares penetrantes dos *sans-culottes* que empurravam carroças ou vendiam carne de gato. Magnus tinha imóveis no Marais, na rue Barbette, perto do Hôtel de Soubise, onde seu velho amigo (e recém-falecido) príncipe de Soubise havia morado. Magnus dispunha de carta branca para passear pelos jardins e ali se divertir sempre que quisesse. Aliás, podia entrar em diversas casas importantes de Paris e ser bem recebido. Seus amigos aristocratas eram tolos, mas inofensivos, em sua maioria. Contudo, ser visto em companhia deles ultimamente poderia causar problemas. Às vezes, o simples fato de ser visto poderia causar problemas. Ser muito rico ou bem relacionado não era mais uma boa coisa. As massas que não tomavam banho, os produtores do mau cheiro, tinham tomado conta da França, revirando tudo em seu caminho cheio de sujeira.

As impressões de Magnus sobre a Revolução eram confusas. O povo *estava* com fome. O preço do pão continuava extremamente alto. E não ajudou nada a rainha, Maria Antonieta, sugerir que comessem brioches, se o pão estava caro. Ele achava sensato que as pessoas exigissem e recebessem comida, lenha e todas as necessidades básicas da vida. Magnus sempre lamentou pelos pobres e necessitados. Mas, ao mesmo tempo, jamais havia existido sociedade tão fascinante quanto a francesa, de alturas inalcançáveis e excessos. E, se por um lado, gostava da animação, também apreciava saber o que se passava, e havia pouca oferta dessa sensação. Ninguém sabia exatamente quem estava no comando do país. Os revolucionários viviam brigando. A constituição vivia sendo escrita. O rei e a rainha estavam vivos e supostamente detinham o poder, porém, eram controlados pelos revolucionários. Os massacres, incêndios e ataques eram frequentes. Tudo em nome da liberdade. Morar em Paris era como viver em um barril de pólvora sobre uma pilha de diversos outros barris, em um navio que se

sacudia a esmo no mar. Sempre havia a sensação de que um dia o povo — o *povo* indefinido — poderia decidir matar quem tinha condições financeiras de comprar um chapéu.

Magnus suspirou, recostou-se para ficar fora do alcance de olhos curiosos e levou um lenço com aroma de jasmim ao nariz. Já bastava de fedor e preocupação. Estava a caminho de ver um balão.

Claro que Magnus já tinha voado antes. Animara tapetes e se apoiara nas costas de bandos de pássaros migratórios. Mas jamais voara por mãos humanas. Essa coisa de balonismo era nova e, para falar a verdade, um pouco preocupante. Voar pelos ares em uma criação fabulosa e extravagante, com toda a cidade de Paris olhando para você...

Sem dúvida, essa era a razão pela qual ele tinha que experimentar.

A onda dos balões de ar quente passou longe dele quando visitou a cena parisiense pela primeira vez, há quase dez anos. Mas, outro dia, quando Magnus talvez tivesse exagerado um pouco no vinho, olhou para cima e viu uma daquelas maravilhas em forma de ovo e de cor azul-celeste passando, com desenhos dourados de signos do zodíaco e flores-de-lis, e, de uma hora para outra, foi dominado pelo desejo de entrar na cesta e passear sobre a cidade. Fora um capricho, e não havia nada que Magnus considerasse mais importante do que um capricho. Conseguiu entrar em contato com um dos irmãos Montgolfier naquele mesmo dia e pagou muitos luíses de ouro por um passeio particular.

E agora que estava a caminho do passeio nessa tarde quente, Magnus ficou pensando no quanto tinha bebido quando preparou tudo aquilo.

Uma grande quantidade de vinho.

A carruagem finalmente parou próxima ao Château de la Muette, outrora um belo palacete, agora em ruínas. Magnus saiu para a tarde pantanosa e caminhou até o parque. Havia uma sensação densa e opressora no ar, que deixava pesadas suas roupas maravilhosas. Ele seguiu pela trilha até o ponto de encontro, onde o balão e a equipe o aguardavam. O balão estava vazio sobre a grama — a seda estava bela como nunca, mas o efeito geral não foi tão impactante quanto esperava. No fim das contas, ele tinha roupões melhores.

Um dos Montgolfier (Magnus não se lembrava de qual tinha contratado) veio apressado, com o rosto rubro.

— *Monsieur* Bane! *Je suis désolé*, *monsieur*, mas o tempo... hoje não está colaborando. É muito frustrante. Eu vi um raio ao longe.

Como não poderia deixar de ser, nem bem ele disse as palavras, ouviu-se um rugido distante. E o céu, de fato, tinha um aspecto esverdeado.

— Não será possível voar hoje. Talvez amanhã. Alain! O balão! Leve-o de uma vez!

E, com isso, o balão foi recolhido e levado até um pequeno mirante.

Desanimado, Magnus resolveu dar um passeio pelo parque antes que o tempo piorasse. Por aqui se viam as mais belas damas e cavalheiros, e parecia um local aonde as pessoas iam quando se sentiam... apaixonadas. O Bois de Boulogne deixara de ser uma reserva florestal privada com um parque, e agora ficava aberto ao povo, que utilizava o belo terreno para plantar batatas para comer. Também usavam roupas de algodão e se apresentavam orgulhosamente como os *sans-culottes*, que significava "sem calções até os joelhos". Trajavam as calças compridas dos trabalhadores e lançavam olhares críticos para os refinados calções de Magnus, que combinavam com a listra cor-de-rosa do casaco e as meias prateadas. Realmente estava ficando difícil ser maravilhoso.

Além disso, o parque parecia desprovido de pessoas bonitas e apaixonadas. Todos usavam roupas longas, lançavam olhares demorados e cheios de julgamento e resmungavam sobre a última onda revolucionária. Os mais nobres pareciam nervosos e viravam o rosto cada vez que um integrante do Terceiro Estado passava.

Mas Magnus acabou avistando alguém que conhecia, e não se alegrou com isso. Era Henri de Polignac quem corria em sua direção, vestido com uma roupa preta e prateada. Henri era um submisso de Marcel Saint Cloud, líder do mais poderoso clã de vampiros de Paris. E também era um chato. Assim como a maioria dos subjugados. Era difícil manter uma conversa com alguém que vivia dizendo "o Mestre diz isso" e "o Mestre diz aquilo". Sempre rastejando. Sempre por perto, esperando uma mordida. Magnus ficou imaginando o que Henri estaria fazendo no parque durante o dia — e a resposta certamente seria ruim. Caçando. Recrutando. E agora, importunando Magnus.

— *Monsieur* Bane — disse, com uma reverência curta.

— Henri.

— Faz tempo que não o vemos.

— Ah — respondeu Magnus vagamente. — Andei muito ocupado. Negócios, você sabe. Revolução.

— Claro. Mas o Mestre estava comentando que faz tempo que não o vê. E ficou imaginando se você teria desaparecido da face da Terra.

— Não, não — respondeu Magnus. — Só ando ocupado.

— Assim como o Mestre — disse Henri, com um sorrisinho torto. — Você tem que vir nos visitar. O Mestre dará uma festa na segunda-feira à noite. E ficaria muito irritado comigo se eu não o convidasse.

— Ficaria? — comentou Magnus, engolindo o gosto ligeiramente amargo que lhe subiu até a boca.

— Muito.

Não se recusava um convite de Saint Cloud. Pelo menos, se a pessoa em questão pretendesse continuar vivendo alegremente em Paris. Vampiros se ofendiam com *tanta* facilidade — e vampiros parisienses eram os piores de

todos.

— Claro — disse Magnus, tirando com cuidado uma das luvas amarelo-limão, simplesmente por não ter o que fazer. — Claro. Seria um prazer. Um grande prazer.

— Avisarei ao Mestre sobre seu comparecimento — respondeu Henri.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair, batendo com força no casaco delicado de Magnus. Ao menos, isso permitiu que ele se despedisse rápido. Ao correr pela grama, o feiticeiro levantou a mão. Faíscas azuis se entrelaçaram aos seus dedos, e, no mesmo instante, a chuva deixou de molhá-lo, pois ele a conteve com um toldo invisível que ergueu acima da cabeça.

Paris. Problemática, às vezes. Tão política. (Ah, os sapatos... seus sapatos! Por que calçou os de seda com o bico curvado hoje? Ele *sabia* que ia ao parque. Mas eram novos, lindos e feitos por Jacques, da rue des Balais, não conseguiu resistir.) Talvez fosse melhor, nessas condições climáticas, cogitar viajar para algum lugar mais simples. Londres sempre era um bom retiro. Não tão elegante, porém não era uma cidade desprovida de charme. Ou podia ir para os Alpes... Sim, ele adorava o ar puro e fresco. Poderia se divertir pelos campos de edelvais* e frequentar os banhos termais em Schinznach-Bad. Ou poderia ir para mais longe. Fazia muito tempo que não ia à Índia, afinal. E não resistia aos encantos do Peru...

Talvez fosse melhor ficar em Paris.

Magnus entrou no cabriolé no momento em que os céus se abriram, e a chuva batia tão forte no teto da carruagem que ele não conseguia mais ouvir nem os próprios pensamentos. Os assistentes do baloeiro cobriram apressadamente os equipamentos, e as pessoas correram para o abrigo das árvores. As flores pareciam se alegrar com a chuva, e Magnus respirou fundo o ar parisiense que tanto amava.

Ao se afastarem, uma batata atingiu a lateral da carruagem.

O dia, em um sentido muito literal, pareceu uma lavada. Só havia um meio de resolver aquilo: tomar um longo banho frio e uma xícara de chá lapsang souchong quente. Ele se banharia perto da janela e tomaria o chá fumegante enquanto observava a chuva encharcar Paris. Em seguida, deitaria e leria *Le Pied de Fanchette* e Shakespeare durante horas. Depois, champanhe rosé, e uma ou duas horas para se vestir para a ópera.

— Marie! — chamou Magnus, ao entrar em casa. — Meu banho!

Tinha como criados um casal de idosos, Marie e Claude. Eram muito bons em suas funções, e os anos de trabalho em Paris fizeram com que não se surpreendessem com nada.

Dos muitos lugares onde viveu, a residência de Paris era considerada por Magnus um dos mais agradáveis. Certamente havia recantos de maior beleza

natural, mas Paris tinha uma beleza *artificial*, o que podia ser ainda melhor. Tudo na casa lhe dava prazer. O papel de parede de seda amarelo, cor-de-rosa, prateado e azul, as mesas e as poltronas douradas, os relógios, espelhos e porcelanas... A cada passo que dava na casa, em direção ao salão principal, lembrava-se das qualidades do lugar.

Muitos integrantes do Submundo ficavam longe de Paris. Certamente havia muitos lobisomens na França, e cada vale arborizado tinha os próprios habitantes sobrenaturais. Mas Paris, ao que parecia, era território dos vampiros. Fazia sentido, de muitas formas. Vampiros eram criaturas aristocráticas. Pálidos e elegantes. Gostavam de escuridão e prazer. Os olhares hipnóticos — *le charme* — fascinavam muitos nobres. E não havia nada mais prazeroso, decadente e perigoso do que deixar um vampiro beber seu sangue.

Mas as coisas foram um pouco longe demais no surto vampiresco de 1787. Foi quando as festas sanguinárias começaram. Foi quando todas as crianças desapareceram e alguns jovens voltaram para casa pálidos e com o olhar ausente de um subjugado. Como Henri e sua irmã, Brigitte, sobrinhos do duque de Polignac. Outrora parte de uma das grandes famílias da França e adorados, agora moravam com Saint Cloud e cumpriam suas ordens. Na verdade, as ordens de Saint Cloud podiam ser algo muito estranho. Magnus não se importava com um pouco de decadência — mas Saint Cloud era mau. Mau no sentido mais antiquado, objetivo e clássico do termo. Os Caçadores de Sombras do Instituto de Paris pareciam ter pouca influência no que vinha acontecendo, possivelmente por ser esta uma cidade de muitos esconderijos. Havia quilômetros de catacumbas, e era muito fácil pegar alguém na rua e arrastar para o subterrâneo. Saint Cloud tinha amigos em todos os lugares, e seria muito difícil ir atrás dele.

Magnus fazia o possível para evitar os vampiros parisienses e os que apareciam ao redor da corte em Versalhes. Nada de bom resultava desses encontros.

Mas chega disso. Hora do banho, que Marie já estava preparando. Magnus tinha uma banheira grande na sala principal, bem perto da janela, para poder observar a rua embaixo enquanto se lavava. Quando o banho ficou pronto, ele entrou na água e começou a ler. Mais ou menos uma hora depois, tinha deixado o livro de lado e observava algumas nuvens no céu enquanto pensava, distraído, na história de Cleópatra dissolvendo uma pérola de valor inestimável em uma taça de vinho. Ouviu uma batida à porta, e Claude entrou.

— Tem um homem aqui que deseja vê-lo, *monsieur* Bane.

Claude sabia que, na linha profissional de Magnus, não era necessário perguntar nomes.

— Muito bem — respondeu Magnus, com um suspiro. — Peça a ele que entre.

— *Monsieur* vai recebê-lo na banheira?

— *Monsieur* está cogitando a hipótese — disse Magnus, com um suspiro ainda mais profundo.

Era irritante, mas tinha que manter uma aparência profissional. Ele saiu da banheira, pingando, e vestiu um roupão de seda com o desenho de um pavão nas costas. Lançou-se, impaciente, em uma cadeira perto da janela.

— Claude! — gritou. — Agora! Mande-o entrar!

Um instante depois a porta se abriu novamente, e apareceu um homem muito atraente com cabelos negros e olhos azuis. Trajava roupas obviamente finas; o corte era absolutamente perfeito. Esse era o tipo de coisa que Magnus gostaria que acontecesse com mais frequência. Como o universo sabia ser generoso quando queria! Logo após lhe negar um passeio de balão e lhe oferecer um encontro desagradável com Henri.

— O senhor é *monsieur* Magnus Bane — disse o homem, com segurança.

Era difícil não reconhecer Magnus. Homens altos, de pele dourada e olhos de gato eram raros.

— Sou — respondeu Magnus.

Muitos nobres que Magnus conhecera tinham a expressão distraída de quem nunca havia precisado tratar de questões importantes. Este homem era diferente. Tinha uma postura muito ereta e um olhar decidido. Além disso, falava francês com um leve sotaque, mas qual sotaque exatamente, Magnus não reconheceu de imediato.

— Vim conversar com o senhor sobre um assunto urgente. Normalmente... eu não... — Magnus conhecia bem aquela hesitação. Algumas pessoas ficavam nervosas na presença de feiticeiros.

— O senhor está inquieto, *monsieur* — observou Magnus, com um sorriso. — Permita-me deixá-lo à vontade. Sou muito talentoso neste quesito. Por favor, sente-se. Tome um pouco de champanhe.

— Prefiro ficar de pé, *monsieur*.

— Como quiser. Mas posso ter o prazer de saber o seu nome? — perguntou Magnus.

— Sou o conde Axel Von Fersen.

Um conde! Chamado Axel! Um militar! Com cabelos negros e olhos azuis! E angustiado! Ah, o universo se superou e iria receber flores.

— *Monsieur* Bane, já fui informado sobre seus talentos. Não posso dizer se acredito no que ouvi, mas pessoas racionais, inteligentes e sensatas juram que o senhor é capaz de coisas maravilhosas que vão além da minha compreensão.

Magnus abriu as mãos em sinal de falsa modéstia.

— É tudo verdade — falou. — Contanto que só tenham dito coisas maravilhosas.

— Disseram que o senhor é capaz de alterar a aparência de alguém com um tipo de... truque de conjuração.

Magnus preferiu não dar importância ao insulto.

— *Monsieur* — disse Von Fersen —, o que o senhor pensa sobre a Revolução?

— A Revolução vai acontecer não importa qual seja a minha opinião sobre ela — respondeu Magnus, calmamente. — Não sou filho da França, por isso, não me atrevo a ter opiniões sobre a conduta da nação.

— Também não sou filho da França. Nasci na Suécia. Mas tenho opiniões sobre isso, opiniões muito fortes...

Magnus gostava de ouvir Von Fersen falar sobre a força de suas opiniões. Gostava muito.

— Vim aqui porque era minha obrigação, e porque o senhor é o único que pode ajudar. Ao vir e contar o que estou prestes a contar, coloco minha vida em suas mãos. E também arrisco vidas muito mais valiosas do que a minha. Mas não o faço cegamente. Aprendi muito a seu respeito, *monsieur* Bane. Sei que tem muitos amigos aristocratas. Sei que está em Paris há seis anos, e é conhecido e gostam do senhor. E dizem que é um homem de palavra. Então, *monsieur*, o senhor é um homem de palavra?

— Depende da palavra — disse Magnus. — Existem tantas belas palavras por aí...

Magnus se reprimiu em silêncio pelo pouco conhecimento da língua sueca. Poderia ter acrescentado alguma frase genial. Ele tentava aprender frases sedutoras em todas as línguas, mas as únicas coisas que já tivera que dizer em sueco eram: "servem alguma coisa além de peixe em salmoura?" e "se me enrolar em peles, posso fingir ser seu ursinho".

Era evidente que Von Fersen se acalmou antes de voltar a falar:

— Preciso que salve o rei e a rainha. Preciso que proteja a família real francesa.

Ora, ora. Esta certamente era uma virada inesperada. Como em resposta a isso, o céu escureceu novamente e mais um trovão rugiu.

— Entendo — respondeu Magnus, após um instante.

— Como se sente em relação a esta declaração, *monsieur*?

— Como sempre — respondeu ele, tratando de manter a calma. — Com minhas mãos.

Mas ele não estava nem um pouco calmo. As camponesas invadiram Versalhes e expulsaram o rei e a rainha, que agora moravam nas Tulherias, aquele velho palácio destruído, no meio de Paris. O povo produziu panfletos detalhando os supostos crimes da família real. Pareciam particularmente interessados na rainha Maria Antonieta, acusando-a de coisas terríveis — com frequência, sexuais. (Era impossível que tivesse feito todas as coisas que os panfletos diziam. Os crimes eram nojentos demais, imorais demais, e muito exigentes, do ponto de vista físico. O próprio Magnus jamais havia tentado sequer metade deles.)

Era ruim e perigoso saber qualquer coisa relativa à família real.

O que tornava a situação tão atraente quanto assustadora.

— Obviamente, *monsieur*, assumi um grande risco ao compartilhar essa informação com o senhor.

— Entendo — respondeu Magnus. — Mas salvar a família real? Ninguém os está ameaçando.

— É só uma questão de tempo — disse Von Fersen. A emoção trouxe um rubor às suas bochechas que fez o coração de Magnus palpitar. — Eles são prisioneiros. Reis e rainhas que são aprisionados não costumam ser libertados para voltarem ao poder. Não... não. É só uma questão de tempo até que a situação se torne muito grave. As condições em que são obrigados a viver já são insuportáveis. O palácio está imundo. Os servos são cruéis e fazem pouco deles. Todos os dias suas posses e direitos naturais diminuem. Tenho certeza de que... Tenho quase, quase certeza de que... se não forem libertados, não sobreviverão. E não aguento viver sabendo disso. Quando foram arrancados de Versalhes, vendi tudo e os segui até Paris. Eu os seguirei a qualquer lugar.

— O que o senhor quer que eu faça? — perguntou Magnus.

— Soube que consegue alterar a aparência das pessoas por meio de... um tipo de... encanto.

Magnus aceitou de bom grado *aquela* descrição de seus talentos.

— Qualquer que seja seu preço, ele será pago. A família real da Suécia também será informada sobre seu grande serviço.

— Com todo respeito, *monsieur* — retrucou Magnus —, não moro na Suécia. Moro aqui. E se fizer isso...

— Se fizer isso, prestará um grande serviço à França. E quando a família for restaurada a seu devido lugar, receberá as honras de um grande herói.

Mais uma vez, isso fazia pouquíssima diferença. O que fazia diferença era o próprio Von Fersen. Os olhos azuis e os cabelos negros, a paixão e essa óbvia coragem. O modo como se erguia, alto e forte...

— *Monsieur*, está conosco? Tenho a sua palavra, *monsieur*?

Também era uma péssima ideia.

Uma ideia terrível.

A pior ideia que já ouvira.

Era irresistível.

— Sua palavra, *monsieur* — repetiu Axel.

— O senhor a tem — disse Magnus.

— Nesse caso, voltarei amanhã à noite para explicar o plano — disse Von Fersen. — Vou mostrar o que deve acontecer.

— Insisto para que jantemos juntos — disse Magnus. — Se vamos embarcar juntos nessa grande aventura.

Houve uma pausa momentânea, e, em seguida, Axel assentiu.

— Sim — respondeu. — Sim, concordo. Jantemos juntos.

Quando Von Fersen se retirou, Magnus se olhou no espelho por um longo tempo, procurando sinais de loucura. A magia requerida era bastante simples. Ele poderia entrar e sair do palácio com facilidade e lançar um feitiço básico. Ninguém ficaria sabendo.

Magnus balançou a cabeça. Estavam em Paris. Todos sabiam de tudo, de alguma forma.

Ele tomou um longo gole do champanhe rosé, que já estava quente, e bochechou. Quaisquer dúvidas lógicas que tivesse foram abafadas pelas batidas do seu coração. Há muito tempo não sentia tal agitação. Em sua mente agora só havia Von Fersen.

Na noite seguinte, Magnus pediu o jantar, cortesia do chef do Hôtel de Soubise. Seus amigos permitiam que utilizasse os funcionários da cozinha e os melhores alimentos quando tinha que preparar uma mesa particularmente especial. Hoje serviram um delicado caldo de pombo, rodovalho, pato com laranja, vitela assada, ervilhas ao molho, alcachofras e uma mesa cheia de profiteroles, frutas e bolos e tortas em miniatura. Providenciar a refeição foi fácil, mas vestir-se não. Nada dava certo. Ele queria algo provocante e atraente, e, ao mesmo tempo, profissional e sério. Primeiro, achou que o casaco e os calções amarelos-limão com o colete roxo fossem se adequar perfeitamente à proposta, mas acabou trocando o conjunto por um colete verde-limão e calções violeta. Finalmente, optou por uma roupa azul, mas não antes de esvaziar todo o conteúdo do guarda-roupa.

A espera foi uma deliciosa agonia. Magnus apenas conseguia andar de um lado para o outro, olhando para a janela, à espera da carruagem de Von Fersen. Foi diversas vezes ao espelho, depois à mesa cuidadosamente preparada por Claude e Marie, antes de lhes dar folga até o fim da noite. Axel insistiu que houvesse privacidade, e Magnus ficou feliz em obedecer.

Às oito em ponto, uma carruagem parou diante da porta de Magnus e ele saiu dela. Axel. Até olhou para cima, como se soubesse que Magnus estaria olhando para baixo, esperando. Cumprimentou-o com um sorriso, e o feiticeiro sentiu um enjoo agradável, um pânico...

Desceu a escada correndo para receber o rapaz pessoalmente.

— Dispensei os empregados, conforme solicitado — informou, tentando recobrar o autocontrole — Entre. O jantar está pronto. Terá que perdoar a informalidade da refeição.

— Certamente, *monsieur* — disse Axel.

Mas Axel não se concentrou na comida, nem se permitiu os prazeres de bebericar vinho e absorver o charme de Magnus. Foi direto ao assunto. Trazia até mapas, que abriu sobre o sofá.

— O plano de fuga foi desenvolvido ao longo de alguns meses — disse, pegando uma alcachofra de uma travessa de prata. — Por mim, alguns amigos da causa e pela própria rainha.

— E quanto ao rei? — perguntou Magnus.

— Sua Majestade... se omitiu, de certa forma, dessa situação. Ele está muito desanimado com o estado das coisas. A rainha assumiu quase toda a responsabilidade.

— Você parece muito... afeiçoado à rainha — observou Magnus, cautelosamente.

— Ela é uma mulher admirável — disse Axel, limpando os lábios com o guardanapo.

— E é evidente que confia em você. Vocês devem ser muito próximos.

— Ela me concedeu graciosamente a honra de sua confiança.

Magnus sabia ler nas entrelinhas. Axel era discreto, o que só o tornava ainda mais atraente.

— A fuga tem que ser no domingo — prosseguiu Axel. — O plano é simples, porém requer muita atenção. Programamos para que os guardas tenham visto certas pessoas saindo por certas portas em certas horas. Na noite da fuga, substituiremos essas pessoas pela família real. Acordaremos as crianças às dez e meia. O delfim se vestirá como uma menina. Ele e a irmã serão retirados do palácio pela governanta real, a marquesa de Tourzel, e me encontrarão no Grande Carrossel. Eu serei o condutor da carruagem. Então, esperaremos madame Elisabeth, a irmã do rei. Ela sairá pela mesma porta que as crianças. Quando Sua Majestade terminar o cochilo e ficar sozinho, sairá também, disfarçado de *chevalier* de Coigny. A rainha... será a última a escapar.

— Maria Antonieta será a *última* a sair?

— Foi escolha dela — respondeu Von Fersen, rapidamente. — Ela é extremamente corajosa. Exige sair por último. Se descobrirem a ausência dos outros, quer fazer o sacrifício final para auxiliar na fuga dos demais.

Mais uma vez lá estava aquele frenesi de paixão em sua voz. Mas agora, ao fitar Magnus, Von Fersen manteve o olhar fixo por um segundo nas pupilas felinas.

— Então por que quer que apenas a rainha seja enfeitiçada?

— Em parte, por causa do tempo — respondeu Axel. — A ordem na qual as pessoas devem ser vistas entrando e saindo. Sua Majestade, o rei, estará acompanhado até a hora do cochilo, e sairá imediatamente depois disso. Apenas a rainha ficará no palácio por algum tempo. E ela também é mais fácil de ser reconhecida.

— Mais do que o rei?

— Mas é claro! Sua Majestade não é... um homem bonito. Os olhares não se fixam em seu semblante. O que as pessoas reconhecem são as vestes, a

carruagem, todos os sinais externos do status real. Mas a rainha... o rosto dela é conhecido. É estudado, desenhado e pintado. Seu estilo é copiado. Ela é linda, e sua fisionomia está gravada na memória de muitas pessoas.

— Entendo — disse Magnus, querendo sair do assunto da beleza da rainha. — E o que acontecerá com você?

— Conduzirei a carruagem até Bondy — respondeu ele, com os olhos ainda fixos em Magnus. Continuou mencionando os detalhes: movimentos de tropas, estações para as trocas de cavalos, coisas assim. Magnus não tinha o menor interesse naquelas questões, pois não prendiam a atenção tanto quanto o modo como o babado elegante da camisa de Axel roçava seu queixo enquanto ele falava. O volume do lábio inferior. Nenhum rei, rainha, palácio ou obra de arte se comparava àquele lábio.

— Quanto a seus honorários...

As palavras fizeram Magnus se concentrar novamente.

— A questão é bem simples — disse o feiticeiro. — Não quero nenhum pagamento...

— *Monsieur* — disse Axel, inclinando-se para a frente —, faz isso como um verdadeiro patriota da França!

— Faço isso — prosseguiu Magnus, calmamente — pela nossa amizade. Peço apenas que volte a vê-lo depois que essa história acabar.

— Ver-me?

— Vê-lo, *monsieur*.

Axel encolheu um pouco os ombros e baixou os olhos para o próprio prato. Por um instante, Magnus pensou que tudo tinha sido em vão, e que dera o passo errado. Mas, então, Axel ergueu o rosto, e a luz da vela iluminou os olhos azuis.

— *Monsieur* — disse, pegando a mão de Magnus do outro lado da mesa —, seremos os melhores amigos para sempre.

Era exatamente o que o feiticeiro desejava ouvir.

Na manhã de domingo, no dia da fuga, Magnus acordou com o repicar costumeiro dos sinos da igreja soando por toda a cidade. Estava com a cabeça um pouco pesada e anuviada após uma longa noite com o conde de — e um grupo de atores da Comédia Italiana. Ao que parecia, também adquirira um macaco durante a noite. O animal estava ao pé da cama, comendo alegremente o pão de Magnus. Já tinha entornado o bule de chá que Claude trouxera, e havia uma pilha de penas de avestruz no meio do chão.

— Olá. — Magnus cumprimentou o macaco.

O macaco não respondeu.

— Vou chamá-lo de Ragnor — acrescentou, inclinando-se delicadamente sobre os travesseiros. — Claude!

A porta se abriu, e Claude entrou. Não pareceu nada surpreso com a

presença de Ragnor. Simplesmente se pôs a trabalhar e limpou o chá entornado.

— Precisarei de uma coleira para o meu macaco, Claude, e de um chapéu também.

— Claro, *monsieur*.

— Acha que ele também precisa de um pequeno casaco?

— Talvez não neste clima, *monsieur*.

— Tem razão — respondeu Magnus, com um suspiro. — Melhor só um roupão simples, assim como o meu.

— Qual deles, *monsieur*?

— O cor-de-rosa e prateado.

— Excelente escolha, *monsieur* — disse Claude, indo catar as penas.

— E leve-o até a cozinha para que possa tomar um café da manhã decente, sim? Ele precisa de fruta e água, e, talvez, de um banho frio.

A essa altura Ragnor já tinha descido do pé da cama e ia em direção a um belo vaso de porcelana de Sèvres, quando Claude o pegou, como se tivesse passado a vida pegando macacos.

— Ah — acrescentou Claude, enfiando a mão no casaco —, chegou um bilhete esta manhã.

E saiu em silêncio com o macaco. Magnus abriu o bilhete, no qual se lia:

Temos um problema. Precisaremos adiar para amanhã.
Axel

Bem, os planos noturnos estavam arruinados.

Amanhã era a festa de Saint Cloud. Ambas as obrigações tinham que ser honradas. E isso era possível. Ele iria de carruagem até os limites do palácio das Tulherias, resolveria o assunto com a rainha, voltaria ao veículo, e iria à festa. Já tinha tido noites mais ocupadas.

E Axel valia o sacrifício.

* * *

No dia seguinte, Magnus passou muito mais tempo preocupado com a festa de Saint Cloud que com a questão da família real. O feitiço seria simples. Provavelmente, a festa estaria cheia, e isso o deixaria irritado. Bastava aparecer, sorrir, conversar um pouquinho, e então poderia se retirar. Contudo, não conseguia se livrar da sensação de que, de alguma forma, a noite daria errado.

Mas antes, o probleminha da rainha.

Magnus tomou banho e se vestiu após o jantar e, às nove da noite, saiu

discretamente do apartamento, instruindo o cocheiro a levá-lo para a vizinhança dos jardins das Tulherias e voltar à meia-noite. Este era um trajeto bastante conhecido. Muitas pessoas iam aos jardins em busca de “encontros casuais” entre as topiárias. Andou um pouco por ali, percorreu o jardim sombrio e ouviu ruídos abafados dos amantes nos arbustos, dando uma olhada, de vez em quando, através da folhagem.

Às dez e meia seguiu, de acordo com o mapa de Axel, até os aposentos do duque de Villequier, que fazia muito já havia partido. Se tudo corresse de acordo com os planos, a jovem princesa e o delfim, disfarçado de menina, logo sairiam por aquelas portas sem guardas. Se não aparecessem, o plano já teria fracassado.

No entanto, com apenas alguns minutos de atraso, as crianças saíram com as respectivas amas, e todos estavam disfarçados. Magnus os seguiu em silêncio enquanto atravessavam o pátio com vista para o norte, para a rue de l’Échelle, até o Grande Carrossel. E ali, conduzindo uma carruagem simples, estava Axel. Vestido como um cocheiro parisiense, até fumava um cachimbo e fazia piadas, com um sotaque perfeito da região, do qual qualquer vestígio de sueco havia desaparecido. Sob a luz do luar, Axel ergueu as crianças até a carruagem, e Magnus perdeu a fala por um instante. A coragem do rapaz, seu talento e delicadeza... tocavam o coração de Magnus de um jeito ligeiramente desconhecido e dificultavam qualquer tentativa de sarcasmo.

Observou-os se afastarem, e dedicou-se à sua missão. Entraria pela mesma porta. Apesar de a entrada estar livre, Magnus precisava de um feitiço de disfarce para se proteger, de modo que se alguém olhasse, só visse um gato grande entrando por uma porta do palácio que parecia escancarada.

Com milhares de pessoas entrando e saindo — e sem nenhuma das centenas de arrumadeiras —, os pisos estavam sujos, com pedaços de lama seca e pegadas. Havia um odor bolorento no local, uma mistura de umidade, fumaça, mofo e penicos ainda cheios, alguns dos quais se encontravam nos corredores. Não havia luz, exceto pela que refletia das janelas, dos espelhos e se amplificava fracamente com lustres de cristais cheios de teias de aranha e fuligem.

Axel dera a Magnus um mapa desenhado a mão com instruções muito claras sobre como se guiar pelo que parecia uma série interminável de arcos e salões grandes e vazios, onde a mobília dourada estava ausente ou fora saqueada pelos guardas. Havia algumas portas secretas nas paredes, pelas quais Magnus passou sem fazer barulho. Conforme penetrava no palácio, os ambientes aparentavam mais limpeza, e as velas eram um pouco mais frequentes. Havia cheiro de comida sendo preparada e de fumaça de cachimbo, além de mais pessoas circulando.

E, então, ele chegou aos aposentos reais. Em frente à porta onde fora instruído a entrar, havia um guarda, assobiando distraído e se balançando na cadeira. Magnus lançou uma pequena faísca no canto do cômodo, e o guarda se

levantou para examinar. Magnus colocou a chave na fechadura e entrou. Os aposentos tinham um silêncio aveludado, que parecia artificial e inquietante. Sentiu o cheiro de fumaça de alguma vela recém-apagada. Magnus não se intimidava com a realeza, mas seu coração bateu um pouco mais forte ao pegar a segunda chave que lhe fora entregue. Axel tinha a chave dos aposentos privados da rainha. Isso era, ao mesmo tempo, empolgante e perturbador.

E lá estava ela: a rainha Maria Antonieta. Já tinha visto sua imagem diversas vezes, mas agora ela estava diante dele e era humana. Esse era o choque. A camisola humanizara a rainha ainda mais. E havia algo de adorável nela. Uma parte, sem dúvida, era o treinamento que recebera — a postura régia e os passos pequenos e delicados. Mas as pinturas jamais fizeram jus a seus olhos. Eram grandes e luminosos. Os cabelos tinham sido cuidadosamente presos em um penteado com leves cachos, sobre os quais usava uma touca de linho. Magnus se manteve nas sombras e a observou andando pelo quarto, da cama para a janela e para a cama outra vez, evidentemente apavorada com o destino da própria família.

— A senhora não viu nada, madame — disse, em voz baixa.

A rainha virou ao ouvi-lo, olhando confusa para o canto do aposento, e, depois, voltou a andar de um lado para o outro. Magnus se aproximou e, ao fazê-lo, pôde perceber como o estresse da situação havia se manifestado naquela mulher. Seus cabelos estavam ralos e sem brilho e se tornaram quebradiços e grisalhos em alguns pontos. Ainda assim, seu rosto apresentava um brilho feroz e determinado, que Magnus admirava. E ele compreendeu por que Axel se apaixonou por ela — havia ali uma força que ele não esperava.

Magnus balançou os dedos, e faíscas azuis surgiram entre eles. Mais uma vez, a rainha se virou, confusa, enquanto ele passava a mão pelo rosto dela, que mudou a expressão de familiar e régia para familiar e comum. Seus olhos diminuíram de tamanho e escureceram, as bochechas se tornaram mais cheias e rubras, o nariz aumentou e o queixo encolheu. O cabelo ficou mais ralo e ganhou um tom mais escuro de castanho. Magnus foi um pouco além do estritamente necessário e modificou até mesmo os malares e as orelhas, até que ninguém pudesse achar que aquela mulher diante dele fosse a rainha. Ela estava como deveria — uma nobre russa de idade diferente, com uma vida diferente.

Ele criou um barulho próximo à janela para afastar a atenção dela, e, quando a rainha lhe deu as costas, se retirou. Deixou o palácio pela saída de maior movimento, atrás dos aposentos reais, onde Maria Antonieta mantinha um portão aberto para as entradas e saídas noturnas de Axel.

Fora uma boa noite de trabalho, ao mesmo tempo, simples e elegante. Magnus sorriu para si mesmo, olhou para a lua que pairava acima de Paris e pensou em Axel, conduzindo a carruagem. Depois, pensou em Axel fazendo outras coisas. E aí se apressou. Ele tinha que se encontrar com vampiros.

Felizmente, as festas dos vampiros começavam muito tarde. A carruagem de Magnus aproximou-se da porta de Saint Cloud depois da meia-noite. Os lacaios, todos vampiros, ajudaram-no a saltar, e Henri o recebeu perto da porta.

— *Monsieur* Bane — disse ele, com aquele sorrisinho assustador. — O Mestre ficará tão satisfeito.

— Que bom — disse Magnus, mal conseguindo conter o sarcasmo.

A sobrancelha de Henri tremeu um pouco. Em seguida, ele virou e estendeu o braço para uma menina de idade e aparência semelhantes; era loura, com olhos vidrados, expressão abobada e muito bonita.

— Conhece minha irmã, Brigitte?

— Claro. Já nos encontramos diversas vezes, *mademoiselle*, em sua... vida anterior.

— Minha vida anterior — repetiu Brigitte, com uma risadinha. — Minha vida anterior.

A vida anterior de Brigitte era uma ideia que continuava a diverti-la, enquanto ela ria e sorria para si mesma. Henri pôs um braço ao redor dela de um jeito que não era totalmente fraternal.

— O Mestre foi generoso e nos permitiu manter nossos nomes — disse Henri. — E fiquei muito feliz quando ele deixou que voltasse para a minha antiga casa e trouxesse minha irmã para morar aqui. O Mestre é muito generoso nesse aspecto, como em todos os outros.

Isso fez com que Brigitte tivesse mais um ataque de risos. Henri deu um tapinha brincalhão no bumbum da irmã.

— Estou morto de sede — revelou Magnus. — Acho que vou atrás de champanhe.

Ao contrário do palácio das Tulherias, sombrio e mal-iluminado, a casa de Saint Cloud era espetacular. Não podia ser chamada de palácio pelo tamanho, mas tinha toda a opulência da decoração. Era uma verdadeira selva de estampas, cheia de quadros que iam até o teto. E todos os candelabros de Saint Cloud brilhavam e estavam cheios de velas pretas, que pingavam cera preta no chão. A cera era imediatamente removida por um pequeno exército de submissos. Alguns seguidores mundanos estavam largados nos móveis, quase todos segurando taças de vinho... ou garrafas. A maioria deixava os pescoços expostos, esperando, implorando por mordidas. Os vampiros ficavam no seu lado da sala, rindo uns com os outros e apontando, como se escolhessem comida de uma mesa cheia de iguarias.

Na sociedade parisiense mundana, a peruca grande tinha saído de moda recentemente, dando lugar a estilos mais naturais. Na vampiresca, as perucas eram maiores do que nunca. Uma vampira usava uma peruca de, no mínimo, 1,80 metro, cor-de-rosa, apoiada por uma estrutura delicada que Magnus desconfiava serem ossos de criança. Ela tinha um pouco de sangue no canto da

boca, mas ele não sabia se o vermelho nas bochechas era de sangue ou apenas de maquiagem exagerada (assim como as perucas, os vampiros de Paris apreciavam estilos de maquiagem ligeiramente ultrapassados, como o blush exagerado nas bochechas, que provavelmente era um deboche aos humanos).

Magnus passou por um harpista pálido que — notou sombriamente — fora acorrentado ao chão pelo calcanhar. Se tocasse bem o suficiente, talvez fosse mantido vivo para repetir a apresentação. Ou poderia se tornar um lanche noturno. Magnus ficou tentado a cortar a corrente do músico, mas naquele instante ouviu uma voz que vinha do alto.

— Magnus! Magnus Bane, por onde andou?

Marcel Saint Cloud estava inclinado sobre o corrimão e acenava para baixo. Ao seu redor, um grupo de vampiros olhou para o feiticeiro sobre os leques de penas, mármore e ossos.

Embora doesse admitir, Saint Cloud estava incrivelmente bonito. Os mais velhos sempre tinham uma aparência especial — um brilho que vinha com a idade. E Saint Cloud era velho, e era provável que tivesse feito parte da primeira corte de vampiros de Vlad. Não era tão alto quanto Magnus, mas tinha uma bela estrutura, com maçãs do rosto proeminentes e dedos longos. Os olhos eram bem pretos, mas refletiam a luz como vidro espelhado. E suas roupas... bem, ele ia ao mesmo alfaiate que Magnus, então, é claro que eram lindas.

— Sempre ocupado — respondeu Magnus, e sorriu enquanto Saint Cloud e o grupo de seguidores desciam a escada. O grupo vinha logo atrás, alternando passos para acompanharem os dele. Sicofantas.

— Acabou de perder Sade.

— Que pena — respondeu Magnus. Sem dúvida, o marquês de Sade era um mundano sinistro, com a imaginação mais perversa que Magnus já havia encontrado desde a Inquisição espanhola.

— Quero lhe mostrar umas coisas — disse Saint Cloud, colocando um braço frio nos ombros de Magnus. — Coisas absolutamente maravilhosas!

Saint Cloud e Magnus tinham em comum a admiração pela moda, mobília e arte mundana. Magnus tendia a comprar as dele ou recebê-las como pagamento. Marcel trocava com os revolucionários — ou com pessoas na rua que saqueavam casas e tiravam as coisas belas de dentro delas. Ou os submissos lhe davam seus bens. Ou as coisas simplesmente apareciam em sua casa. Era melhor não fazer muitas perguntas e apenas admirar, e em voz alta. Marcel ficaria ofendido se Magnus não elogiasse cada item.

De repente, um coro de vozes do lado de fora chamou Saint Cloud.

— Parece que tem alguma coisa acontecendo — disse Marcel. — Talvez devêssemos investigar.

As vozes eram altas, animadas e eufóricas — tons que Magnus não queria ouvir em uma festa de vampiros, pois significavam coisas muito ruins.

— O que foi, meus amigos? — disse Marcel, caminhando em direção ao hall de entrada.

Havia uma confusão de vampiros ao pé da escada de entrada, com Henri à frente deles. Alguns seguravam um vulto que se debatia e dava gritinhos agudos, apesar da boca que parecia coberta e impossível de ser enxergada em meio à multidão.

— Mestre... — Os olhos de Henri estavam arregalados. — Mestre, encontramos... O senhor não vai acreditar, Mestre...

— Mostrem-me. Tragam até aqui. O que é?

Os vampiros se organizaram um pouco e jogaram a humana no espaço aberto no chão. Magnus teve que fazer o maior esforço do mundo para não emitir um ruído de alarme ou se denunciar de alguma forma.

Era Maria Antonieta.

Claro, o feitiço de disfarce não enganava os vampiros. A rainha estava exposta, com o rosto pálido de choque.

— Vocês... — disse ela, dirigindo-se à multidão com a voz trêmula —, o que fizeram... Vocês vão...

Marcel ergueu a mão para pedir silêncio, e para a surpresa de Magnus, a rainha se calou.

— Quem a trouxe? — perguntou ele. — Como isso aconteceu?

— Fui eu, *monsieur* — respondeu uma voz. Uma vampira elegante, chamada Coselle, deu um passo à frente. — Eu vinha para cá, saindo da rue du Bac, e não pude acreditar nos meus olhos. Ela deve ter saído das Tulherias. Estava na rua, *monsieur*, parecendo assustada e perdida.

Claro. A rainha não estava acostumada a andar sozinha pela rua. E, no escuro, era fácil pegar o caminho errado. Ela virara na esquina errada e, por alguma razão, atravessara o Sena.

— Madame — disse Marcel, descendo as escadas. — Ou devo dizer "Vossa Majestade"? Tenho o prazer de me dirigir à nossa amada e mais... ilustre rainha?

Ouviu-se um riso abafado do outro lado do salão, mas exceto isso, nenhum ruído.

— Sim, sou eu — respondeu a rainha, e levantou-se. — E exijo...

Marcel ergueu a mão novamente, pedindo silêncio. Desceu o restante dos degraus e caminhou até a rainha, parou diante dela e a examinou com atenção. Em seguida, fez uma pequena reverência.

— Majestade — disse ele. — Não tenho palavras para dizer como estou feliz com a sua presença em minha festa. Estamos todos sem palavras, não é mesmo, meus amigos?

A essa altura, todos os vampiros que cabiam estavam na entrada. Os que não cabiam se penduravam nas janelas. Todos assentiram e sorriram, mas não responderam. O silêncio era terrível. Do lado de fora dos muros do jardim de

Marcel, a própria cidade de Paris parecia em silêncio.

— Meu querido Marcel — disse Magnus, forçando uma risada. — *Detesto* desapontá-lo, mas esta não é a rainha. É amante de um dos meus clientes. Chama-se Josette.

Como essa declaração parecia uma grande mentira, Marcel e os outros permaneceram em silêncio, esperando ouvir mais. Magnus desceu os degraus, tentando parecer divertido com o que estava acontecendo.

— Ela é ótima, não é mesmo? — continuou. — Atendo a muitos gostos, assim como você. E, por acaso, tenho um cliente que gostaria de fazer com a rainha o que ela anda fazendo com o povo francês há anos. Fui contratado para uma transformação completa. E, devo dizer, sob o risco de parecer arrogante, que fiz um ótimo trabalho.

— Não imaginava que você fosse modesto — disse Marcel, sem qualquer sombra de sorriso.

— É uma qualidade superestimada — respondeu Magnus, dando de ombros.

— Então, como explica o fato de que esta mulher afirma ser, de fato, a rainha Maria Antonieta?

— Eu sou a rainha, seu monstro! — disse, com a voz agora histérica. — Sou a rainha. Sou a rainha!

Magnus teve a impressão de que ela estava dizendo isso não para impressionar seus captores, mas para comprovar para si mesma sua identidade e sanidade. Ele se colocou calmamente diante dela e estalou os dedos na frente de seu rosto. Ela ficou inconsciente de imediato, caindo suavemente em seus braços.

— Por que — perguntou, virando-se devagar na direção de Marcel — a rainha da França estaria vagando pela rua, sozinha, no meio da noite?

— Uma boa pergunta.

— Porque ela não estava. Era Josette. Ela precisava ser perfeita de todas as formas. Primeiro, meu cliente só queria que ela se parecesse com a rainha, mas, depois, insistiu em ter o pacote completo, por assim dizer: a aparência, a personalidade, tudo. Josette realmente acredita ser Maria Antonieta. Aliás, estava trabalhando exatamente nisso com ela quando ela se assustou e escapou dos meus aposentos. Talvez tenha me seguido até aqui. Às vezes, meus talentos me superam.

Ele a colocou no chão, com delicadeza.

— Também me parece que ela está sob um leve feitiço de disfarce — acrescentou Marcel.

— Para os mundanos — disse Magnus. — Não se pode permitir que uma mulher idêntica à rainha perambule pelas ruas. É um feitiço bem leve, como um xale de verão. Ela não deveria ter saído de casa. Eu ainda estava trabalhando.

Marcel se abaixou e segurou o rosto da rainha, virando-o de um lado para o outro, às vezes, olhando para a face, outras, para o pescoço. Um ou dois longos

minutos se passaram, durante os quais todo o grupo esperou o que ele diria em seguida.

— Bem — falou Marcelo afinal, e levantou-se. — Devo parabenizá-lo pelo ótimo trabalho.

Magnus precisou se conter para que o suspiro de alívio não fosse testemunhado.

— Todos os meus trabalhos são excelentes, mas aceito os parabéns — respondeu, acenando com a cabeça na direção de Marcel.

— Uma maravilha como esta seria um grande sucesso em uma das minhas reuniões. Então, devo insistir que a venda para mim.

— Vendê-la? — disse Magnus.

— Sim. — Marcel se inclinou e passou o dedo pelo queixo da rainha. — Sim, você tem que vendê-la. Não importa quanto seu cliente pagou, ofereço o dobro. Mas preciso tê-la. É impressionante. O que cobrar, eu pago.

— Mas, Marcel...

— Ora, ora, Magnus. — Marcel balançou lentamente um dedo. — Todos temos nossas fraquezas e devemos ceder a elas para que floresçam. Eu a terei.

Não havia meio de fingir que o cliente fictício era mais importante do que Marcel.

Pense. Ele tinha que *pensar*. E sabia que Marcel o estava observando enquanto pensava.

— Se você insiste — respondeu Magnus. — Mas, como disse, eu ainda estava trabalhando nela. Faltavam só mais alguns ajustes. Ela ainda tem alguns maus hábitos da vida anterior. Todos aqueles maneirismos de Versalhes — são tantos —, todos tiveram que ser costurados como um bordado delicado. E ainda não assinei a obra. Gosto de assinar meus trabalhos.

— Quanto tempo levaria?

— Não muito. Posso devolvê-la amanhã...

— Prefiro que ela fique aqui. Afinal de contas, quanto tempo demorar para assinar seu trabalho? — perguntou Marcel, e esboçou um sorriso.

— Pode levar algum tempo — disse Magnus, retribuindo com um sorriso malicioso. — Tenho uma bela assinatura.

— Apesar de lidar com bens usados, prefiro os que têm condições impecáveis. Não demore. Henri, Charles... levem a rainha para o quarto azul lá em cima. Deixem que *monsieur* Bane complete sua assinatura. Estamos ansiosos pelo produto final.

— Claro — respondeu Magnus.

Lentamente, Magnus seguiu a rainha prostrada e os submissos até o quarto.

Depois que Henri e Charles puseram a rainha na cama, Magnus trancou a porta e deslizou um guarda-roupa pesado para bloqueá-la. Então abriu as cortinas. O

quarto azul ficava no terceiro andar, uma queda livre até o pátio. E essa era a única saída.

Magnus se permitiu alguns instantes praguejando antes de balançar a cabeça e examinar mais uma vez a situação. Sozinho, conseguiria escapar, mas sair, levar a rainha... *e* entregá-la a Axel...

Olhou pela janela mais uma vez, para o chão abaixo. A maioria dos vampiros tinha voltado para dentro de casa, mas alguns servos e submissos permaneciam lá fora para receber as carruagens. Para baixo não teria como ir, mas para *cima*...

Para o alto, em um balão, por exemplo.

Magnus tinha certeza de uma coisa — esse trabalho seria muito difícil. O balão estava do outro lado de Paris. Ele fez um esforço com a mente e achou o que procurava. O balão continuava enrolado no mirante do Bois de Boulogne. Rolou-o para a grama, mentalizou para que inflasse, enfeitiçou-o para deixá-lo invisível e, então, ergueu-o do chão. Sentiu-o levantar e o conduziu, sobre as árvores do parque, por cima das casas e das ruas, evitando cuidadosamente os pináculos de igrejas e catedrais, e sobre o rio. O balão flutuava e era empurrado pelo vento com facilidade. Ele queria subir direto para o céu, mas Magnus o manteve firme.

Em algum momento, ele ficaria sem seus poderes, e aí perderia a consciência. Só podia torcer para que isso acontecesse no fim do processo, mas não tinha como saber. Conforme o balão se aproximava, deu o melhor de si para disfarçá-lo totalmente, tornando-o invisível até mesmo para os vampiros embaixo. Observou-o se aproximando pela janela, e com a máxima cautela, guiou-o para perto. Inclinou-se o mais que pôde e o pegou. A cesta tinha uma porta pequena que ele conseguiu abrir.

Quando uma pessoa rouba um balão e o anima para que sobrevoe Paris, o ideal é saber como ele funciona. Magnus nunca se preocupou com a mecânica do balão — só lhe interessava o fato de que agora os mundanos podiam voar em um pedaço colorido de seda. Por isso, quando descobriu que a cesta continha fogo, ficou alarmado.

Além disso, a rainha provavelmente não era pesada, mas o vestido — e fosse o que fosse que tivesse escondido ali para a fuga — certamente era, e Magnus não tinha energia de sobra. Ele estalou os dedos, e a rainha acordou. Bem a tempo, ele passou um dedo sobre seus lábios e silenciou o grito que estava prestes a deixar sua boca.

— Majestade — falou, e o cansaço pesou em sua voz. — Não há tempo para explicações, nem para apresentações. O que preciso que faça, e o mais depressa possível, é sair por essa janela. A senhora não pode ver, mas tem uma coisa ali fora para resgatá-la. Mas temos que ser rápidos.

A rainha abriu a boca e, ao perceber que não podia falar, começou a correr

pelo quarto, pegando objetos e os arremessando contra Magnus. Magnus fez caretas enquanto os vasos atingiam a parede ao lado. Ele conseguiu amarrar o balão à janela com a cortina e agarrou a rainha. Ela começou a socá-lo. Tinha punhos pequenos, que evidentemente não estavam acostumados a esse tipo de atividade, mas seus golpes não eram totalmente em vão. Ele tinha muito pouca força sobrando, e ela parecia funcionar movida pelo puro medo, que corria por suas veias.

— Majestade — sibilou ele. — A senhora tem que parar. Tem que me ouvir. Axel...

Ao ouvir o nome “Axel”, ela ficou imóvel. Era disso que ele precisava. Ele a empurrou pela janela. O balão, que recuou com a força do gesto, se afastou uns 30 centímetros — de modo que ela aterrissou com o corpo metade no balão, metade fora dele. Então se segurou nele, apavorada, com as mãos em uma coisa que ela conseguia sentir, mas que não enxergava, e os pés calçados chutando o ar e atingindo a lateral do prédio. Magnus recebeu alguns chutes no peito e no rosto, antes de conseguir colocá-la na cesta. Suas saias caíram sobre o rosto, e a rainha da França foi reduzida a uma pilha de pano e duas pernas que se debatiam. Ele também pulou, fechou a porta e soltou a cesta com um suspiro profundo. O balão subiu rapidamente, acima dos telhados. A rainha conseguiu se virar e ficar de joelhos. Ela tocava a cesta, com os olhos arregalados como uma criança admirada. Ergueu-se muito lentamente, espiou ao redor, olhou para a vista embaixo dela e imediatamente desmaiou.

— Um dia — disse Magnus, olhando para a figura real encolhida a seus pés —, terei que escrever minha biografia.

Esse não foi o passeio de balão com o qual Magnus estava sonhando.

Para começar, o balão estava baixo e suicidamente lento, e parecia não querer fazer outra coisa além de baixar de repente sobre telhados e chaminés. A rainha estava se mexendo e gemendo no chão da cesta, fazendo com que o balão sacudisse de forma nauseante. Uma coruja resolveu atacar. E o céu estava escuro, tão escuro que Magnus não fazia ideia de aonde estava indo. A rainha resmungou um pouco e levantou a cabeça.

— Quem *é* você? — perguntou, com voz fraca.

— Um amigo de um amigo — respondeu Magnus.

— O que estamos...

— É melhor não perguntar, Majestade. A senhora não quer saber a resposta. E acho que estamos sendo conduzidos para o sul, para a direção errada.

— Axel...

— Sim. — Magnus se inclinou e tentou identificar as ruas embaixo. — Sim, Axel... mas eis uma dúvida... Se a senhora estivesse procurando, digamos, o Sena, onde procuraria?

A rainha baixou novamente a cabeça.

Ele conseguiu reunir forças para restaurar o feitiço de disfarce no balão, tornando-o invisível para os mundanos. Não teve energia para se camuflar no processo, por isso, algumas pessoas puderam ver a parte superior de Magnus voando diante de suas janelas de terceiro andar, no escuro. Algumas pessoas não poupavam velas, e ele viu uma ou duas coisas muito interessantes.

Finalmente, avistou uma loja que conhecia. Desceu o balão para a rua, até que as coisas parecessem mais familiares, então viu Notre-Dame.

Agora a pergunta era... onde *pousar*? Não dava para simplesmente aterrissar com um balão no meio de Paris. Nem mesmo um balão invisível. Paris era muito... pontuda.

Só havia uma coisa a fazer, e Magnus já estava odiando aquilo.

— Majestade — disse, cutucando a rainha com o pé. — Majestade, a senhora *precisa acordar*.

A rainha se mexeu outra vez.

— A senhora — começou Magnus — não vai gostar do que vou dizer, mas confie em mim quando digo que esta é a melhor entre diversas péssimas alternativas...

— Axel...

— Sim. Em um minuto, vamos pousar no Sena...

— O quê?

— E seria muito bom se pudesse tapar o nariz. Suponho que seu vestido esteja cheio de joias, então...

O balão estava despencando com rapidez enquanto a água subia. Magnus os conduziu com cuidado a um local entre duas pontes.

— A senhora pode...

O balão caiu como uma pedra. O fogo se apagou, e a seda imediatamente desceu sobre Magnus e a rainha. Magnus já estava quase sem força, mas conseguiu reunir o suficiente para rasgar o tecido ao meio e impedir que os prendesse. Nadou com o próprio esforço, puxando a rainha para a margem. Estavam, conforme ele esperava, perto das Tulherias e de seu cais. Ele a empurrou para os degraus, e a deitou.

— Fique aqui — disse, pingando e arfando.

Mas a rainha estava inconsciente outra vez. Magnus sentiu inveja dela.

Subiu cambaleante e voltou às ruas de Paris. Provavelmente Axel estaria andando pela área. Tinham concordado que, se alguma coisa saísse errada, Magnus lançaria uma faísca azul no céu, como um fogo de artifício. E foi o que fez. Em seguida, desabou no chão e esperou.

Cerca de 15 minutos se passaram quando uma carruagem parou — não uma carruagem simples como a de antes, mas uma imensa, preta, verde e amarela. Que poderia carregar facilmente seis ou mais pessoas durante dias, com todos os

confortos possíveis. Axel saltou do assento do cocheiro e correu até Magnus.

— Onde ela está? Por que está molhado? O que aconteceu?

— Ela está bem — respondeu Magnus, levantando a mão. — *Esta* é a carruagem? Uma *berline de voyage*?

— Sim — respondeu Von Fersen. — Suas Majestades insistem. E não seria adequado chegarem em nada menos grandioso.

— E impossível de não serem notados!

Pela primeira vez, Von Fersen pareceu pouco à vontade. Era evidente que não gostara da ideia e se opusera a ela.

— Sim, bem... esta é a carruagem. Mas...

— Ela está nos degraus. Tivemos que aterrissar no rio.

— Aterrissar?

— É uma longa história — respondeu o feiticeiro. — Digamos apenas que as coisas se complicaram. Mas ela está viva.

Axel se ajoelhou diante de Magnus.

— Você jamais será esquecido por isso — afirmou o jovem, em voz baixa. — A França vai se lembrar. A Suécia vai se lembrar.

— Não ligo para as lembranças da França ou da Suécia. Ligo para as suas.

Magnus ficou verdadeiramente assombrado quando Axel puxou-o e beijou-o — por ter sido tão repentino, passional, e porque a cidade de Paris, os vampiros, o Sena, o balão e todo o restante desapareceram, e, por um instante, foram apenas os dois. Um instante perfeito.

E foi Magnus quem interrompeu.

— Vá — sussurrou. — Quero que você fique seguro. Vá.

Axel assentiu, parecendo um pouco chocado com a própria conduta, e correu pelos degraus do cais. Magnus se levantou e, com uma última olhada, começou a andar.

Ir para casa não era uma opção. Os vampiros de Saint Cloud provavelmente estavam em seu apartamento neste momento. Tinha que se abrigar até o amanhecer. Passou a noite na *petite Maison* de madame de —, uma de suas amantes mais recentes. Ao amanhecer, voltou para casa. A porta da frente estava aberta, e ele entrou cautelosamente.

— Claude! — chamou, mantendo-se estrategicamente próximo à poça de luz solar perto da porta. — Marie! Ragnor!

— Não estão aqui, *monsieur* — respondeu uma voz.

Henri. Claro. Ele estava sentado na escada.

— Vocês os machucaram?

— Levamos Claude e Marie. Não sei quem é Ragnor.

— Vocês os *machucaram*? — repetiu Magnus.

— Estão mais do que machucados agora. Meu mestre pediu que enviasse seus cumprimentos. Disse que deram um excelente banquete.

Magnus sentiu-se nauseado. Marie e Claude foram tão bons com ele, e agora...

— O Mestre gostaria muito de vê-lo — disse Henri. — Por que não vamos juntos agora, e vocês podem conversar quando ele acordar à noite?

— Acho que vou recusar o convite — respondeu Magnus.

— Se você o fizer, Paris se tornará o lugar mais inóspito para viver. E quem é aquele seu novo cavalheiro? Descobriremos o nome dele uma hora dessas. Entendeu?

Henri se levantou, tentou parecer ameaçador, mas era um mundano, um submisso de 17 anos.

— O que eu acho, seu submisso inútil — disse o feiticeiro, aproximando-se —, é que você esquece com quem está lidando.

Magnus permitiu que algumas faíscas brilhassem entre seus dedos, e Henri recuou.

— Vá para casa e diga a seu mestre que recebi o recado. Ofendi sem intenção. Deixarei Paris de uma vez por todas. O assunto pode ser considerado encerrado. Aceito meu castigo.

Ele se afastou da porta e estendeu o braço, indicando que Henri deveria se retirar.

Conforme esperava, tudo estava uma confusão — móveis revirados, marcas de fogo nas paredes, obras de artes desaparecidas, livros rasgados. Em seu quarto, vinho havia sido entornado na cama e nas roupas... Pelo menos, ele achou que fosse vinho.

Magnus não demorou muito para examinar os escombros. Com um gesto da mão, a lareira de mármore se afastou da parede. Ele pegou um saco cheio de luíses de ouro, um rolo espesso de *assignats*, uma coleção de maravilhosos anéis de citrina, jade, rubi e um magnífico de topázio azul.

Esta era sua política de segurança, caso os revolucionários saqueassem a casa. Vampiros, revolucionários... eram a mesma coisa agora. Os anéis foram para os dedos, os *assignats* para o casaco e os luíses de ouro para a bela bolsa de couro, que também tinha sido guardada na parede para este fim. Enfiou a mão na abertura mais uma vez e pegou um último item: o Livro Gray, com uma capa de veludo verde. Guardou-o com cuidado na bolsa.

Ouviu um barulhinho atrás de si, e Ragnor saiu de debaixo da cama.

— Meu amiguinho — disse Magnus, pegando o macaquinho assustado. — Pelo menos, você sobreviveu. Venha. Vamos juntos.

Quando Magnus soube da notícia, estava no alto dos Alpes, descansando perto de um riacho, esmagando algumas flores com o polegar. Tentou evitar tudo o que era francês durante semanas: os franceses, a comida francesa, o noticiário francês. Dedicou-se à carne de porco e à vitela, aos banhos termais e às leituras. Na maior parte do tempo, passou os dias sozinho — com o pequeno Ragnor — e em silêncio. Mas, naquela manhã, um nobre que fugira de Dijon viera para a pousada onde Magnus estava morando. Parecia um homem que gostava de conversar, e como Magnus não estava a fim de uma companhia dessas, foi sentar perto do riacho. Não se surpreendeu quando o homem o acompanhou.

— Senhor! *Monsieur!* — chamou por Magnus, enquanto arfava e subia a colina.

Magnus limpou a unha com os restos das flores.

— Sim?

— O dono da pousada disse que veio de Paris, *monsieur*! É meu conterrâneo?

Magnus usava um leve feitiço de disfarce na pousada para poder se passar por um nobre francês refugiado, um entre centenas que atravessavam as fronteiras.

— Vim de Paris — respondeu Magnus, indiferente.

— E tem um macaco?

Ragnor estava correndo por ali. Tinha se adaptado muito bem aos Alpes.

— Ah, *monsieur*, estou tão feliz em encontrá-lo! Há semanas que não falo com ninguém da minha pátria. — Ele entrelaçou as mãos. — Não sei nem o que pensar atualmente. Que época terrível! Tantos horrores! Soube do rei e da rainha, sem dúvida?

— O que houve com eles? — perguntou Magnus, mantendo o rosto impassível.

— Suas Majestades, que Deus os proteja, tentaram escapar de Paris! Chegaram a Varennes, onde dizem que o rei foi reconhecido por um mensageiro. Foram capturados e enviados de volta a Paris. Ah, tempos terríveis!

Sem dizer nada, Magnus se levantou, pegou Ragnor e voltou para a pousada. Não queria ter que pensar naquele assunto. Em sua mente, Axel e a família tinham se salvado. Era assim que precisava que fosse. Mas isso agora.

Caminhou de um lado para o outro do quarto e finalmente escreveu uma carta para o endereço de Axel em Paris. Então esperou por uma resposta.

Levou três semanas, e veio com uma letra desconhecida, da Suécia.

Monsieur,

Axel gostaria que soubesse que ele está bem e retribui a profundidade dos sentimentos. O rei e a rainha, como sabe, estão presos em Paris. Axel foi levado a Viena para pedir a intercessão do Imperador, mas temo que esteja determinado a voltar a Paris, arriscando a própria vida. Monsieur,

como Axel parece estimá-lo imensamente, será que não poderia escrever para ele e desencorajá-lo? Ele é meu adorado irmão, e me preocupo constantemente.

Havia um endereço em Viena, e o bilhete trazia apenas “Sophie” como assinatura.

Axel voltaria a Paris. Disso Magnus tinha certeza.

Vampiros, seres sobrenaturais, lobisomens, Caçadores de Sombras, demônios — essas coisas faziam sentido para Magnus. Mas o universo mundano não parecia ter padrão, nem forma. As políticas inconstantes. As vidas curtas...

Magnus pensou novamente no homem de olhos azuis em seu gabinete. Em seguida, acendeu um fósforo e queimou o bilhete.

Nota

* Nome popular, de origem alemã, de uma planta da família das Asteráceas, também chamada rainha-dos-alpes.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Capa
Rosto
Créditos
A Rainha fugitiva
Colofão



A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

AS CRÔNICAS DE Bane

vol. 2

A rainha fugitiva

CASSANDRA CLARE
e
MAUREEN JOHNSON